

# Discípulos missionários e missionárias a caminho de Emaús

*Carmem Lussi\**

## Resumo

Missionárias e missionários porque chamados e enviados, as e os catequistas descobrem, caminhando com a comunidade, que não saberiam, nem conseguiriam, viver sua fé prescindindo do serviço no qual doam a vida, alimentam sua fidelidade ao Senhor que os amou e chamou para esta missão e na qual, em Seu nome, cuidam da vida e da fé daqueles que o Pai uniu à comunidade cristã onde se encontram. A escuta, reflexão partilhada e a oração do texto de Lucas 24.12-36 fortalece as e os catequistas no cumprimento de sua missão. O artigo é uma partilha sobre esta escuta e reflexão a partir de Lucas 24.

**Palavras-chave:** catequistas; missão; missionários; comunidade.

## Missionaries disciples on the way of Emmaus

### Abstract

The missionaries, who are called and sent because of the Gospel, realize, as they walk along with the community members, that they wouldn't – and couldn't – live their faith if renouncing the service in which they offer their lives and feed their loyalty to the Father who loved and called them to this mission, and in which, in the name of the Father, they care for those whose lives and faith are united by the Father to the Christian community they belong. As the preachers of the Gospel listen, reflect as one and pray about Luke 24, 12-36, they strengthen themselves to the accomplishment of their mission. This article shares some insights from the reflection and contemplation of Luke 24.

**Keywords:** catechists; mission; missionaries; community.

---

\* Com mais de 20 anos em serviço sociopastoral e missionário em contextos nacionais e internacionais de mobilidade humana, a autora tem Mestrado em Missiologia e é doutoranda em teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Destaca-se entre suas publicações os livros **A missão da igreja no contexto da mobilidade humana**, pela Vozes e **Mulheres migrantes em contexto inter-religioso**, pelo CEBI.  
Email: carmem.lussi@gmail.com .

## **Discípulos misioneros y misioneras en el camino de Emaús**

### **Resumen**

Los misioneros y las misioneras, llamados y enviados a causa del Evangelio, descubren, mientras caminan con la comunidad, que no saben si pueden vivir su fe, sin el servicio en el cual donan la vida y mantienen su fidelidad al Señor que les ama y les llama para esta misión, en la cual, en Su nombre, cuidan de la vida y de la fe de todos los que el Padre les ha confiado, en la comunidad en la cual se encuentran. La escucha, la reflexión compartida y la oración del texto de Lucas 24, 12-36, afianza a los evangelizadores en la realización de su misión. El artículo es un modo de compartir algo de lo que la escucha y la reflexión de Lucas 24 ofrece a las comunidades cristianas de hoy.

**Palabras-claves:** catequistas; misión; misioneros; comunidad.

A prática da missão do catequista esconde uma reserva de surpresas e fadigas que só quem assumiu o serviço com dedicação e por um tempo suficientemente longo conhece. Por mais que hoje se fale de catequese de adultos, catequese ou formação continuada, é a catequese de iniciação cristã de crianças e de adolescentes a que mais questiona e interpela a comunidade cristã de fato, ao menos pela presença – muitas vezes abundante – de famílias que a solicitam, pelas mais variadas motivações, como é do conhecimento comum.

O momento histórico de uma igreja em crise, em redução de membros, a leva a interrogar-se a respeito de seus métodos, sua pedagogia, seu modo de ser presença e de relacionar-se com o contexto em que vive, e principalmente com os incessantes ataques à pertinência de sua linguagem, o sentido de suas estruturas e até mesmo a qualidade de seu testemunho. É um momento privilegiado. Só que as vantagens de fato desse “privilégio” não são tão evidentes, e isto incomoda e por vezes até desmotiva a quem, como os e as catequistas, enfrenta uma multiplicidade de desafios a cada semana, senão a cada dia, em sua atuação pastoral. O discurso da montanha explica o sentido do privilégio, mas a compreensão do significado ainda parece não movimentar toda a força e a fecundidade do momento eclesial que vivemos.

Missionárias e missionários porque chamados e enviados, as e os catequistas descobrem, caminhando com a comunidade, que não saberiam, nem conseguiriam, viver sua fé prescindindo do serviço no qual doam a vida, alimentam sua fidelidade ao Senhor que os amou e chamou para esta missão e no qual, em Seu nome, cuidam da vida e da fé daqueles que o Pai uniu à comunidade cristã onde se encontram. A escuta, reflexão partilhada e a oração do texto de Lucas 24.12-36 fortalece as e os catequistas no cumprimento de sua missão. O artigo é uma partilha sobre esta escuta e reflexão a partir de Lucas 24.

## O contexto no qual nasce o Evangelho de Lucas

Lucas escreve para indivíduos de língua e cultura grega que, assim como nós, não descendem do povo de Israel, nem originariamente ou necessariamente são simpatizantes daquela religião. Os autores concordam que a obra de Lucas é um texto literário realizado com cura, atenção aos dados históricos, assim como ao gênero literário e, com algumas particularidades – entre os quais a arte na escritura – a atenção pelos pobres e a clareza na comunicação. Usa uma língua muito variada, apesar de manter, nas citações que faz dos discursos orais de Jesus, uma narrativa acentuadamente semítica, com traços de hebraico e de aramaico, a língua falada no tempo de Jesus.<sup>1</sup>

O Evangelho de Lucas, conforme declara o prólogo em Lucas 1.1-4, refere-se à vida de Jesus e ao surgimento da igreja, atingindo no testemunho e nos saberes de outros, dos quais ele recebeu o que deixou, no evangelho que escreveu. A respeito do seu método, “informou-se ‘cuidadosamente’ e esforçou-se por escrever ‘com ordem’. Percorrendo seu livro, vemos que se trata de uma ordem menos cronológica e mais didática, de uma exposição refletida sobre o acontecimento e o ensinamento de Jesus”.<sup>2</sup>

É conhecida a atenção especial do evangelista Lucas pelas pessoas em sua narração:

...aos homens do Antigo Testamento, que ele apresenta muitas vezes como “tipos” que prefiguram Jesus; a Jesus, de modo especialíssimo, aos apóstolos e aos outros mensageiros da Palavra, fundadores da igreja, e também aos humildes, aos pobres, aos pequenos, que são os destinatários privilegiados da Boa-Nova. A estes ele associa todos os marginalizados, como os pecadores públicos e as mulheres...<sup>3</sup>

Outra peculiaridade de Lucas é a grande importância que ele dá às atitudes individuais dos discípulos de Jesus. Com o foco no tema da salvação, Lucas define o discípulo pela conversão e pela caridade fraterna, pela oração e pela renúncia, e, ao mesmo tempo, pela alegria que se irradia de cada página do seu evangelho: diante do anúncio da salvação, diante dos milagres e dos gestos de perdão, diante da aceitação da mensagem ou da manifestação do mistério pascal.

<sup>1</sup> Para esta introdução refiro-me, sobretudo, ao texto de GEORGE, Augustin. **Leitura do Evangelho segundo Lucas**. São Paulo: Paulus, 1982, p. 7-13.

<sup>2</sup> GEORGE, Augustin. *op. cit.*, p. 9.

<sup>3</sup> Idem, p. 10.

Lucas foi provavelmente companheiro de Paulo, e teria escrito o evangelho cerca de 20 anos depois da morte do apóstolo. Trata-se de testemunhos acerca de Jesus cerca de 50 anos depois de sua ressurreição, no seio e destinado às comunidades dos seguidores deste novo Caminho.

Enquanto Mateus 28.16-20 e Marcos 16.14-20 narram da aparição do Ressuscitado “aos onze discípulos” e João 20.19-23 “aos discípulos”, Lucas 24.33,36-43 nos informa que o Ressuscitado apareceu “aos onze e aos seus companheiros (dependendo das traduções pode ser ... e aos outros discípulos)”. É um prazer reconhecer na revelação da ressurreição, além dos onze, seus “companheiros” das comunidades que surgiram nas décadas seguintes, assim como as que surgiram nos séculos e milênios a seguir.

Lucas, todavia, é o único que, entre o anúncio da ressurreição que é feito às mulheres – as únicas, além de João, que não o abandonaram e permaneceram com ele até o fim, presenciando (participando) dos últimos eventos de sua vida terrena – e a aparição ao grupo maior, insere esta narração conhecida como aparição aos discípulos de Emaús. Na verdade, a perícopé – mais do que sobre a ressurreição – relata sobre a crise dos líderes (dos catequistas?) daquela comunidade cristã que, há décadas do evento pascoal, vive dificuldades em seu caminho de fé, na compreensão desta fé e na tarefa da evangelização. Uma comunidade que tem as características descritas por Lucas sobre os “dois discípulos” (parados e com rosto triste v. 17 e ninguém viu Jesus v. 24 – *evidente, se o texto fala da comunidade para a qual o evangelho foi escrito, cerca do ano 80 d.C., considerando-se a longevidade naquela época!*), interroga-se como retomar o dinamismo da primeira hora, próprio daquele contexto evangélico no qual o evangelista insere a narração. Trata-se do texto considerado, por excelência, o fundamento evangélico da catequese. O texto fala da comunidade, de seus líderes, da imagem que têm de Jesus, de como superar as crises na tarefa missionária, de como entender e como superar as cruzes e, sobretudo, da fé daquele que foi crucificado... vamos à escuta do texto, que já é apresentado com alguns destaques, apesar da tradução não contemplar, em sua totalidade, a força da linguagem do texto original.

## **O texto conhecido como “Os discípulos de Emaús”<sup>4</sup>**

Leitura da Boa-Nova de Jesus Cristo narrada por Lucas:

1. 13 Nesse mesmo dia, dois discípulos iam para um povoado, chamado Emaús, distante onze quilômetros de Jerusalém. 14 Conversavam a respeito de tudo o

---

<sup>4</sup> Texto da tradução A Bíblia Pastoral – La Biblia en CD-ROM – publicada pela Sociedad Bíblica Católica Internacional – Madrid.

que tinha acontecido. 15 Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou, e começou a caminhar com eles. 16 Os discípulos, porém, estavam como que cegos, e não o reconheceram. 17 Então Jesus perguntou: “O que é que vocês andam conversando pelo caminho?” Eles pararam, com o rosto triste.

2. 18 Um deles, chamado Cléofas, disse: “Tu és o único peregrino em Jerusalém que não sabe o que aí aconteceu nesses últimos dias?” 19 Jesus perguntou: “O que foi?” Os discípulos responderam: “O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em ação e palavras, diante de Deus e de todo o povo. 20 Nossos chefes dos sacerdotes e nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte, e o crucificaram. 21 Nós esperávamos que fosse ele o libertador de Israel, mas, apesar de tudo isso, já faz três dias que tudo isso aconteceu! 22 É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos deram um susto. Elas foram de madrugada ao túmulo, 23 e não encontraram o corpo de Jesus. Então voltaram, dizendo que tinham visto anjos, e estes afirmaram que Jesus está vivo. 24 Alguns dos nossos foram ao túmulo, e encontraram tudo como as mulheres tinham dito. Mas ninguém viu Jesus”.

3. 25 Então Jesus disse a eles: “Como vocês custam para entender, e como demoram para acreditar em tudo o que os profetas falaram! 26 Será que o Messias não devia sofrer tudo isso, para entrar na sua glória?” 27 Então, começando por Moisés e continuando por todos os Profetas, Jesus explicava para os discípulos todas as passagens da Escritura que falavam a respeito dele. 28 Quando chegaram perto do povoado para onde iam, Jesus fez de conta que ia mais adiante. 29 Eles, porém, insistiram com Jesus, dizendo: “Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando”. Então Jesus entrou para ficar com eles. 30 Sentou-se à mesa com os dois, tomou o pão e abençoou, depois o partiu e deu a eles. 31 Nisso os olhos dos discípulos se abriram, e eles reconheceram Jesus. Jesus, porém, desapareceu da frente deles. 32 Então um disse ao outro: “Não estava o nosso coração ardendo quando ele nos falava pelo *camimbo*, e nos explicava as Escrituras?”

4. 33 NA MESMA HORA, ELES SE LEVANTARAM E VOLTARAM PARA JERUSALÉM,

5. onde encontraram os Onze, reunidos com os outros. 34 E estes confirmaram: “Realmente, o Senhor ressuscitou, e apareceu a Simão!” 35 Então os dois contaram o que tinha acontecido no *camimbo*, e como tinham reconhecido Jesus quando ele partiu o pão. 36 Ainda estavam falando, quando Jesus apareceu no meio deles,

6. e disse: “A paz esteja com vocês”. 37 Espantados e cheios de medo, pensavam estar vendo um espírito. 38 Então Jesus disse: “Por que vocês estão perturbados, e por que o coração de vocês está cheio de dúvidas? 39 Vejam minhas mãos e meus pés: sou eu mesmo. Toquem-me e vejam: um espírito não tem carne e ossos, como vocês podem ver que eu tenho”. 40 E dizendo isso, Jesus mostrou as mãos e os pés. 41 E como eles ainda não estivessem acreditando, por causa da alegria e porque estavam espantados, Jesus disse: “Vocês têm aqui alguma coisa para comer?” 42 Eles ofereceram a Jesus um pedaço de peixe grelhado. 43 Jesus pegou o peixe, e o comeu diante deles. 44 Jesus disse: “São estas as palavras que eu lhes falei, quando ainda estava com vocês: é preciso que se cumpra tudo o que está escrito a meu respeito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos”. 45 Então Jesus abriu a mente deles para entenderem as Escrituras. 46 E continuou: “Assim está escrito: ‘O Messias sofrerá e ressuscitará dos mortos no terceiro dia, 47 e no seu nome serão anunciados a conversão e o perdão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém’.

7. 48 E VOCÊS SÃO TESTEMUNHAS DISSO”.

## **Aprofundando a partir da estrutura do texto**

A narração tem quatro grandes partes, cada uma com repetições por três vezes, que serão apresentadas em seguida, como confirmação da importância do que vem afirmado. Três vezes também repete a palavra CAMINHO; que mais do que se referir à estrada que estavam percorrendo, seguindo Atos dos Apóstolos, sabe-se que o Caminho que estava no centro do discurso era aquele que viviam, seguiam ou tentavam seguir, os discípulos de Jesus de Nazaré. Central no texto é a afirmação da primeira parte do versículo 33 – “na mesma hora eles se levantaram e voltaram para Jerusalém”. De fato, o texto iniciou falando dos discípulos<sup>5</sup> que viraram as costas para Jerusalém – imagem da Igreja – de onde partira o Anúncio da Ressurreição e onde havia iniciado este novo CAMINHO. O texto afirma que eles “se levantaram”: estavam de fato, metaforicamente, prostrados pela tristeza e por quantas outras dificuldades que a comunidade primitiva também enfrentou! A palavra CAMINHO aparece na abertura (v. 17) da perícopes sobre os dois protagonistas e na conclusão da mesma (v. 35), além do versículo 32. Caminho era o nome que a comunidade cristã primitiva dera à “religião” dos seguidores de Jesus, como atesta amplamente Atos dos Apóstolos com suas sete citações:

---

<sup>5</sup> Entre os dois, um era homem e se chamava Cléofas. E o outro, era sua esposa? A falta do nome poderia indicar exatamente isso (cf. Jo 19.25).

9.2: “...e lhe pediu cartas de recomendação para as sinagogas de Damasco, a fim de levar presos para Jerusalém todos os homens e mulheres que encontrasse seguindo o Caminho”.

18.26: “Ele começou, então, a falar com muita convicção na sinagoga. Ao escutá-lo, Priscila e Áquila o tomaram consigo e, com mais precisão, lhe expuseram o Caminho de Deus”.

19.9: “Todavia como alguns se obstinavam na incredulidade e falavam mal do Caminho diante da multidão, Paulo rompeu com eles, separou os discípulos e, diariamente, os ensinava na escola de um homem chamado Tiranos”.

19.23: “Foi nessa época que estourou um grave tumulto a respeito do Caminho”.

22.4: “Persegui mortalmente este Caminho, prendendo e lançando à prisão homens e mulheres”.

24.14: “Confesso-lhe, porém, uma coisa: eu estou a serviço do Deus de nossos pais, segundo o Caminho, que eles chamam de seita. Acredito em tudo o que está conforme a Lei e em tudo o que se encontra escrito nos Profetas”.

24.22: “Félix estava bem informado a respeito do Caminho e adiou a causa, dizendo: “Quando o tribuno Lísias chegar, eu resolverei o caso de vocês”.

Uma visão geral da estrutura do texto apresenta sete partes, compondo dois movimentos dinâmicos (partes A, B e C + partes E, F e G) com uma frase central de toda a perícopes (parte D). Cada uma das partes, menos D que é o centro da narração e G, que é a conclusão de todo o texto, culminam em uma frase sintética expressiva de todo o trecho. Seguem a seguir todos os destaques, com alguns comentários para a melhor compreensão, que aparecem em grifo:

*A) Três + três indicações do mal-estar em que se encontravam estes líderes desanimados da comunidade que estava com dúvidas, medos e resistências em sua fé:*

v. 13-17: conversavam + conversavam + conversavam

v. 13-17: iam para um povoado distante 11 km + discutiam + estavam como que cegos.

*O trecho culmina com: Eles pararam, com o rosto triste.*

*B) Verbos indicam que este Caminho “já era”:*

v. 18-24: aconteceu + foi + esperávamos.

*E nova frase final do trecho que diz algo radical sobre o perfil daqueles catequistas da primeira hora: Mas ninguém viu Jesus.*

*C) Três passos da reação dos discípulos – o que fez que eles saíssem da crise:*

v. 25-32: Jesus explicava para os discípulos todas as passagens da Escritura + Fica conosco [a hospitalidade até mesmo ao desconhecido] + tomou o pão e abençoou, depois o partiu e deu a eles.

*E a renovação na fé e no Caminho: os olhos dos discípulos se abriram, e eles reconheceram Jesus.*

D) *A frase central da perícope: NA MESMA HORA, ELES SE LEVANTARAM E VOLTARAM PARA JERUSALÉM*

E) *Três consequências para os discípulos-missionários que se reanimam após a prova:*

v. 33b-36a: estes [os da igreja (Jerusalém)] confirmaram: “Realmente, o Senhor ressuscitou + os dois contaram o que acontecera no *caminho*, e como reconheceram Jesus + [e contaram] como tinham reconhecido Jesus.

*E a conclusão mais normal para os que creem na promessa do “eu estarei sempre convosco”:*  
Ainda estavam falando, quando Jesus apareceu no meio deles.

F) *Três + três informações sobre a condição em que se encontravam os discípulos [de Emaús] e [também] seus “chefes” de Jerusalém:*

v. 36b-48: Espantados e cheios de medo + perturbados + estavam espantados.

v. 36b-47: pensavam estar vendo um espírito + por que o coração de vocês está cheio de dúvidas? + E como eles ainda não estivessem acreditando

*E a escuta da Palavra, de novo, assim como foi o ponto de virada para voltar a caminhar na fé, faz a diferença para manter-se no caminho, finalmente, a memória do querigma:*

Então Jesus abriu a mente deles para entenderem as Escrituras. 46 E continuou: “Assim está escrito: ‘O Messias sofrerá e ressuscitará dos mortos no terceiro dia, 47 e no seu nome serão anunciados a conversão e o perdão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém’”.

G) E a conclusão de toda a perícope no modo mais claro possível: E VOCÊS SÃO TESTEMUNHAS DISSO.

## **Ampliando a partilha na escuta do texto**

Temos poucas informações das dificuldades que abalavam aquela comunidade para a qual Lucas escreveu sobre os fatos de Jesus, mas é indiscutível que esta comunidade, além de desanimada, estava perturbada, pois entre os versículos 37 e 41 nos é dito que eles estavam perturbados, duplamente espantados, com medo e cheios de dúvidas. Possivelmente a crise tem a ver com a fé na ressurreição – além do sentido da cruz de Cristo, que amplamente suscitava questionamentos e perplexidades no contexto histórico-cultural da época. No entanto, também de outras razões da crise podem ser encontrados traços no texto.

A principal de todas tem a ver com o contexto cultural dualista grego, que não podia aceitar e, sobretudo, não entendia a realidade da morte e da ressurreição de Deus. De fato, a insistência no final da perícope sobre o fato de que Jesus estaria ali presente com seu corpo, é explicada – pelos exegetas – como sinal desta necessidade em responder às dúvidas provenientes da mentalidade grega que não valorizava a materialidade e não podia conceber a possibilidade de ressurreição dos corpos.



Não devemos, porém, atribuir-lhe uma representação “materialista” do corpo do Ressuscitado. Ele mostra sua condição totalmente nova aplicando a essas “aparições” o vocabulário das manifestações divinas do Antigo Testamento: “ele se apresenta [não era evidente, portanto, que fosse ele]” (24.36), “aparece de verdade” (24.34; At 1.3; 9.17; 13.31; 26.16), “torna-se invisível” (24.31; At 1.9), eleva-se ao céu (24.51; At 1.9-11).<sup>6</sup>

Hoje esta dificuldade nos parece distante, mas será mesmo que cremos de modo a viver como “discípulos/os do Ressuscitado”? O que pensam de nós aquelas pessoas que nunca receberam o anúncio do Querigma? O que nos caracteriza como seguidores deste Caminho? Qual é mesmo o núcleo que sustenta a nossa fé, no dia-a-dia e na hora em que somos chamadas e chamados a dar razão de nossa fé e de nossa alegria/esperança diante desta geração? Diante desta cultura na qual e da qual vivemos? A tristeza dos discípulos que Lucas nos fala estava ligada ao fato de que sua fé na ressurreição estava abalada? Quais os focos dos nossos problemas de fé, onde se originam e por que temos tanta dificuldade em superá-los?

Outro problema presente na comunidade, o qual Lucas tenta responder, é a falta (ou simplesmente a crise) de Mestres-guias em quem confiar (se confiar). As testemunhas oculares haviam morrido e, com o tempo, a comunidade sentia-se fraquejar, junto às dúvidas e às perplexidades de suas respectivas lideranças: entregam-se ao desânimo; não acreditam no testemunho das mulheres (e de quem sabe quantos outros pobres, que se mantinham na fidelidade); deixam de se alimentar da memória do caminho percorrido e da escuta da Palavra; já não se encontram para partilhar o pão – na vida e na liturgia; “conversam... conversam... conversam...” e discutem: ao que será que aludia Lucas com tanta conversa e até discussão de gente desanimada?

O narrador apresenta outra questão problemática na primeira frase do texto: eles se distanciam da igreja (de Jerusalém... da estrutura, da hierarquia?). Fazer comunhão com esta mesma igreja é apresentado, logo em seguida, como o primeiro passo dos discípulos quando retomam a atividade dos crentes que reconhecem Jesus e acrescentam motivação ao seu caminho: “na mesma hora eles se levantaram e voltaram para Jerusalém (v. 33)”. Se os dois estivessem a caminho da missão, uma vez reconhecendo Jesus, teriam prosseguido com motivação pela via, mas não, eles estavam fugindo e se convertem no encontro com Cristo. Por isto podem também reagir, LEVANTAR a cabeça e a mente, as falas e o corpo e se colocar de novo em movimento positivo. Eles

---

<sup>6</sup> Cf. GEORGE, Augustin, *op. cit.*, p. 51.

reencontram o Senhor, desta vez eles o veem e até mesmo interagem com ele. É ali que podem emergir os medos, as perplexidades, a falta de memória dos gestos e das palavras de Deus em suas vidas e na história da salvação. É ali que os discípulos missionários/os desanimados recebem a confirmação que de fato o Senhor ressuscitou, pois o calor no coração quando Jesus explicava as Escrituras no caminho fazia parte do percurso de retomada da fé... que ainda precisa da partilha do pão e do encontro pessoal reconhecendo o Senhor em meio a sua comunidade para fortalecer-se. De fato, Jesus os convoca para continuarem seu caminho, os acompanha, fortalece e revela o sentido das Escrituras para eles e para quantos confiará a eles, mundo afora. É ali que a mensagem que são chamados a transmitir, para além de suas experiências pessoais – e não sem elas – torna-se de novo clara, porque é o Senhor mesmo que a explica e explicita. É, enfim, à igreja que o Senhor ressuscitado confiou a missão final: ser testemunhas da morte, ressurreição e senhorio de Jesus para a vida (nova) de todos e todas. É assim que termina o texto: e disto vocês são testemunhas.

Lucas repete duas vezes na mesma perícopes (v. 27 e 45): é Jesus mesmo quem nos revela o sentido da Palavra, porque é necessária a escuta da Palavra e porque, sem ela, fica difícil manter fidelidade e alegria no discipulado. Anunciando a eles o essencial da fé (v. 47-48), de certa forma Jesus inclui, neste núcleo, a função de testemunhas conferida aos seus (v. 48) como dimensão intrínseca da Boa-Nova que ele inaugurou (para quem anuncia e para quem recebe o anúncio). Lucas 24, também, chama a atenção dos discípulos missionários sobre a necessidade da cruz. A acolhida deste anúncio é distintiva da maturidade na fé (e no seguimento): a falta do anúncio da necessidade da cruz e da acolhida existencial deste anúncio cria comunidades de “fogo de palha”, sem raízes profundas, que os espinhos e o sol facilmente eliminam e neutralizam o potencial.

O retorno a Jerusalém, que inicialmente parece anunciar o evento que acabam de viver, na realidade amplia-se imensamente, pois eles, primeiro de tudo, são confirmados em sua fé, em sua fé na ressurreição e no sentido de sua missão, que antes pareciam tão escondidos e esquecidos. Eles chegam a Jerusalém e escutam. Vão ao encontro da comunidade para construir comunidade e, portanto, escutam o testemunho, acolhem os irmãos antes mesmo de desabafar e se deixam confirmar, para só então partilhar de sua caminhada e de como haviam superado muitas crises, voltando a reconhecer o Senhor em seu meio. Ao invés de falar da “aparição de Jesus”, os dois narram sobre “o que tinha acontecido no Caminho”. Quer dizer, eles falam finalmente a respeito do que os atemorizava, acerca das dificuldades em levar adiante aquela comunidade que lhes fora confiada, sobre o fato de que eles já não tinham

mais motivação, nem sabedoria, para responder às objeções dos gregos que não acreditavam nem em Jesus, menos ainda na ressurreição e sobre quantas outras dificuldades que nunca saberemos. Ou que sabemos muito bem, porque nós também conhecemos as lutas para a fidelidade ao evangelho na ferialidade de nossas vidas e comunidades. Eles entregam aos irmãos maiores de Jerusalém, as preocupações, as labutas e por que não os temores e esperanças que traziam no coração e na mente acerca daquela tarefa missionária que o Senhor confiara a seus avós quando os enviou dois a dois e que os discípulos missionários continuaram a fazer, de geração em geração. Depois de terem narrado sobre o que acontecera no caminho, eles também relatam como se organizaram para superar a crise, chegando ao momento atual em que os problemas não estavam resolvidos, eles ainda caminhavam com temor no coração, mas ao menos tinham renovado a fé, reconhecendo o Cristo na escuta da Palavra, na acolhida do fazer-se próximo aos necessitados e na partilha do pão, em oração. E aí – como em toda comunidade que partilha a vida, se apoia e ajuda reciprocamente, acolhe com humildade e fé – o Senhor se manifesta com sua presença e sua luz e se deixa encontrar, dando a paz, explicando as Escrituras e confirmando-os na missão.

Palavras e gestos. Os de Jesus no texto narrado e os dos discípulos, seja no texto narrado ou na metodologia com a qual cumprir a missão confiada. Para a superação da crise, antes de qualquer gesto explícito de Jesus, foi necessário que eles dessem sinais de vida (v. 29): a hospitalidade, a bondade e acolhida, a doação de si e de algo de próprio para com quem está em necessidade ou simplesmente caminha conosco pela via.

Acolheram o homem sem saber que era Jesus. Este simulou que ia adiante (24.28), para que fossem eles que tomassem a iniciativa de lhe dar acolhida. Têm que se fazer “próximos”, aproximando-se das necessidades humanas e partilhando o que têm... Jesus lhes dá o mesmo sinal que lhes dera na cena do partilhar dos pães (9.16) e que os levou a reconhecê-lo como Messias (9.18-20). Dão-se conta de que é ele na ação de partilhar o pão (24.35)... se quisermos compreender o plano de Deus, devemos também nos habituar a partilhar, como Jesus se entregou a si mesmo... enquanto formos em busca de uma igreja triunfante, bem considerada e aplaudida pelos poderosos, enquanto confiarmos nos grandes... não descobriremos a Jesus na pequena, pobre e insignificante história dos homens e mulheres que nos rodeiam e que se nos aproximam.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> RIUS-CAMPS, Josep. **O Evangelho de Lucas. O Êxodo do homem livre**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 352-352.

A perícopé ajuda a entender a missão dos discípulos missionárias/os e ilumina o compromisso das lideranças cristãs, em tempo de crise. É Jesus Cristo, o missionário do Pai, que explica e revela o sentido das Escrituras para os apóstolos, discípulos e toda a comunidade dos seguidores. A seu exemplo, as lideranças da comunidade cristã aprendem, em cada nova situação e com cada novo/a interlocutor/a, a encontrar modos, linguagem, local e ocasião para manifestar o amor do Pai e a promessa de felicidade na relação de amor e amizade com o Senhor, no cotidiano de cada um e de cada uma. Se para tanto forem necessárias astúcia, paciência, sabedoria ou até estratégias de inteligência e de criatividade, os e as missionários de hoje, como os de ontem e como o Mestre, sabem e têm coragem de inventar e criar. Por amor e com alegria.

Assim como os 72 enviados pelo Jesus histórico e como os dois a caminho de Emaús, os e as discípulos missionários de hoje também podem descobrir e/ou renovar sua fé, esquentar o coração, iluminar a mente e motivar no serviço da escuta da Palavra e na partilha do pão e da vida, na comunidade.

## **Referências bibliográficas**

- Bíblia de Jerusalém. Texto, Introduções aos livros e notas de rodapé. São Paulo, SP: Paulus, 2002.
- CEBI. Metodologia de Leitura Popular da Bíblia. Ano II, nº 3. São Leopoldo, RS: CEBI, 1992.
- GEORGE, Augustin. **Leitura do Evangelho segundo Lucas**. São Paulo, SP: Paulus, 1982.
- RIUS-CAMPS, Josep. **O Evangelho de Lucas. O Êxodo do homem livre**. São Paulo, SP: Paulus, 1995.

